JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal . . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

OS JESUITAS E O CONCILIO DO VATICANO

VII

Provada está a lastimosa influencia dos jesuitas no Concilio Vaticano—e as citações seguintes mostram, que esses exploradores das crenças religiosas renovaram n'este seculo as doutrinas alli proclamadas—e continuam a propagal-as.

A *Theologia* do Padre Liberatore, que foi ou é ainda o espirito santo da *Civilitá Catholica*, como o *Gran-Gesu* o foi do concilio, diz:—«*A egreja* tem o direito de impôr a sua vontade ao *Estado* até nos negocios temporaes—pode corrigir e annular as leis civis, e os *julgamentos dos tribunaes seculares*, impedir. o abuso da força armada, ou ordenar o uso d'ella».

(Nada ha mais opposto ao Evangelho.)

«—O papa domina do alto do céu todos os reis da terra, está investido de um direito absoluto de jurisdicção universal.»

«Como vigario de Christo reu«ne em si os dois poderes supre«mos—é o padre perpetuo, e o rei «dos reis».

«—Portanto os soberanos são «seus vassalos, e a auctoridade, «que exercem a recebem d'elle «por *delegação*.»

«O soberano pontifice pode di«rigil os, ou pôl os em interdicto «a seu gosto, segundo o exigir a «salvação das almas, e por isso «os fieis devem *obedecer ao papa «em tudo, e antes de tudo*.»

Muito bem, padre Liberatore, muito bem.

Note-se, se é ou não perigoso o ensino dos jesuitas; imagine-se o effeito d'esses principios influidos nos confessionarios.

Eis ahi o que ensinam—por isso o clero feito com elles resiste á inspecção do estado nas suas escholas.

Agora em face do Evangelho, da historia, *e dos padres e doutores da egreja*, cuja auctoridade é irrecusavel para os catholicos, veremos, se o papa é o réi dos réis, se as funcções moraes ou espirituaes se elevam ao grau de *poderes*, se em qualquer caso abrangem a esphera civil—controversia escusada, mas queremos tornar frisantes a muitos, que não lêem os textos sagrados—como a estes repugnam os absurdos do concilio e do jesuitismo.

Continuemos.

E' um *dogma de fé*, diz o Pa«dre Ramiére, que Jesus Christo «possue um poder soberano sobre «as sociedades civis como some «os individuos—e por estas pala«vras—*a realeza social de J. C*— nós intendemos o direito, que «possue o homem-deus *e com el«le a egreja*, e por consequencia «*todo o padre*, de exercer a sua divina auctoridade na ordem moral, nas sociedades, e nos in«dividuos, e a obrigação que este «direito *impõe ás sociedades* de «reconhecer a auctoridade de J. C. e da *Egreja*.»

(Das Doutrinas Romanas sobre o liberalismo—pg. 40 e seguintes)

Muito bem, padre Ramiére, muito bem.

«Deus tem os seus ministros— «cuja pessoa é inviolavel—sobre «elles o juiz secular não tem ju«risdicção alguma—O seu vigario «é o oraculo das nações—a sua auctoridade paira por cima de «todos poderes.»

(Outro jesuita—O Catholicismo ou a Barbaria 1854—pg. 14).

O Padre Boone não está com ceremonias, diz francanente:—«O «clero catholico, o sal da terra e «a luz do mundo, *é chamado a dominar, e esta dominação é um «dever para elle*—mal d'elle e da sociedade, se a não domina.»

(Manoel do Apologista, pg 280).

«Nós não pedimos, que sejam «proscriptas as religiões falsas— «a prudencia pode aconselhar a «que se tolera um falso culto— «mas cubril-os todos de uma egual «protecção, será isto comprehensi«vel, e achar-se-hia uma tal al«lucinação no legislador dos povos selvagens?»

(A Salvação da França pela liberdade, pg. 80).

«*A egreja* não obedece se não «á lei da sua propria conservação, «quando se prepara para um *com«bate de morte* contra o estado «moderno sahido do liberalismo.»

Um combate de morte?!

Muito bem, Padre Boone, muito bem.

E a egreja, que se dá com todas as formas do governo, e Leão 13, que o affirma nas suas encyclicas, não condemnam esses livros?

«O homem não tem nenhum «direito á manifestação das suas «crenças e das suas idêas, quan«do são erroneas—e pode ser «constrangido a tributar a deus o «verdadeiro culto.»

(Os principios de 89 e o concilio).

«Todas estas explendidas des«cobertas do liberalismo separa«ção dos poderes, regimen parla«mentar, responsabilidade minis«terial, formação de lei pelos ci«dadãos, são um tecido de contra«dicções, e a causa de lutas con«tinuas.»

Muito bem, Padre Boone, muito bem.

O Padre Marquigny—nos *Estudos Religiosos* (junho de 1874) «—diz: «Emfim nós tratamos co«mo inimiga a imprensa liberal— «não se verá mais os filhos da «egreja receberem jornaes, lerem «livros onde a verdade e a fé são «ultrajadas».

«Nós queremos e nós revindi«camos a liberdade do ensino «completo para egreja, que tem «uma missão divina, e *não com«pleta para todos os créntes ou li«vres pensadores*.»

«A liberdade é a garantia do «direito, e não ha direito para o «erro e a mentira.»

Muito bem, Padre Marquigny, muito bem.

Acceitamos o principio.—Os governos deviam processar e castigar os jesuitas, e todos, os discursadores e escriptores ultramontanos.

VIII

Na *Semana Religiosa* o abade Bedu, vigario geral d'Arras, resume as doutrinas clericaes, tambem com uma clareza, pela qual se faz digno do nosso reconhecimento.

«E' necessario diz o vigario, *reconciliar a França* com deus— *isto é*—repôr a deus nos seus direitos, e a França nos seus deveres.

Isto de considerar as ambições politicas do clero como *os direitos de deus*, enoja pela hypocrisia, e causa riso pela inepcia, e extravagancia da idêa.

Vamos a saber, como se pretende restituir a deus os seus direitos.

Os meios são:

—1.º Riscar da constituição os principios de 89 que destroem toda a jerarchia, e reviram radicalmente a ordem social.

—2.º E trocal-os pelos principicios catholicos conservdores da jerarchia.

—3.º Restabelecer os tres Estados, base solida da antiga monarchia, verdadeira representação das forças vivas do paiz.

—4.º Suprimir o suffragio universal, que ha-de ser sempre uma mentira.

—5.º Não consentir o atheismo no codigo, que considera por igual a todos os cultos.

—6.º Acabar com o casamento civil e com a profanação do domingo.

—7.º Dar á egreja a sua plena liberdade d'acção, reconhecendo-lhe todos os direitos de uma pessoa *livre e independente*.

—8.º Descentralisar o governo transportando para fóra de Paris a sede do poder—e descentralisar a administração restabelecendo *as antigas provincias e suas franquias*.

—9.º Descentralisar a instrucção restaurando as vinte universidades catholicos.—Collegios dos jesuitas).

—10.º Reconstituir na sua plenitude a auctoridade paterna dando-lhe a mais ampla faculdade de testar em favor dos filhos —*bem pensantes*—! (que forem ou se fingirem clericaes). Note-se bem.

—11.º Prescrever as sociedades secretas.

—12.º Reprimir sem *piedade* a licença da imprensa.

Muito bem, vigario d'Arras, é isso mesmo o que se ouve nos discursos das associações e dos congressos chamados catholicos.

Bella politica, padre vigario, bella politica! Ficamos sabendo o que é repôr a deus nos seus direitos.

Em materia de fé não ha na terra quem julgue entre a verdade e o erro—a fé é um acto intimo, espontaneo, da consciencia,—não tem juizes—e quando os tivesse, como a auctoridade temporal não abrange o foro intimo, o pensamento e as crenças, e apenas alcança o ensino, que directamente offenda a moral, segue-se d'ahi a liberdade para todas as religiões, para todos os cultos.

Se os decretos do papa são acceites pelos catholicos, é a sua propria fé individual, que os determina a acceital-os. Nenhum decreto pode obrigar os que não professam a religião romana.

Nem o estado, com uma religião legal, deve ou pode servir ao clero de instrumento de oppressão, nem o clero deve usar da sua influencia espiritual para opprimir os incredulos. A violencia por ser indirecta não deixa de ser violencia.

—A fé nunca pode ser imposta.

(Continuaremos)

Lourenço d'Almeida e Medeiros

UN ÈCLAIR DE L'AVENIR

Le monde marche encore: il n'est jamais lassé.
Pourquoi désesperer de son destin sublime?
Sait-on ce qui le mène, ou bien, ce qui l'anime?
C'est le cœur, un soleil, par Dieu-même allumé!
Ennivrons-nous d'un rêve où l'univers immense
Tout mélé de rayons, d'amour, et de beauté,
Fait sourire partout la fleur de l'espérance.
Oui! toujours on découvre un horison nouveau.
La terre est éclairée et la route aplanie.
Il flotte devant nous l'idéal de la vie.
On ne sait où l'on va, mais le voyage est bean!

L. d'Almeida e Medeiros.

Outras cartas ao sr. Theophilo Braga

SOBRE O

"Firmamento,, e o "Noivado do Sepulchro,,

IV

Não posso invocar os testemunhos de Silva Ferraz e Antonio Girão, mas ainda me restam alguns; e a tradicção, que ha 56 annos dura n'uma familia, de que recitei as trez poesias, o *Firmamento*, o *Noivado* e a *Noite*, nas ferias de 1853, não é para desprezar-se.

Mas ainda que não tivesse provas algumas do abuso de confiança do glorioso Passos, reclamaria com a mesma firmeza o que me pertence no seu livro de versos.

Não se arrancam facilmente a um pae as filhas queridas, que de mais, se diz que são prendadas.

Mas encontro no não menos glorioso critico Theophilo, a comica teimosia em negar a um auctor o que elle compôz, e de cuja composição só elle sabe os pormenores;—é capaz de querer convencer-me de que não existo.

Tão emperrado está na sua mania, que sem receio de ser injusto e calumnioso, lança aos quatro ventos aquella famosa patacoada, por que remata o seu 1.º artigo da *Revista litteraria* do *Seculo*.

Iremos moendo como n'um almofariz esta impertinencia assaz curiosa.

Não gostou, de que eu chamasse *escarro* sobre a sua obra o que de mim escreveu nas *Idêas Modernas!* Pois emende,—é uma joia semelhante a outras muitas, que brilham na sua corôa litteraria.

Não preciso de responder-lhe mais. Talvez que o seu novo artigo, que ainda não li, e de que hoje (30 de janeiro) me deram noticia, fique sem resposta. Comtudo irei continuando a minha reclamação já bem longa.

Leia-se a carta seguinte que dirigi ao snr. Pereira Simões, de cuja seriedade ninguem duvida:

Ex.mo Snr Antonio Dias Pereira Simões.

Ovar, 7—1—905.

Invoco o testemunho de V. Ex.ª sobre os factos abixo mencionados.

1.º—No fim de Novembro que passou, estando eu e V. Ex.ª a examinar a edição do *Bardo* em volume, feita em 1854, eu na presença de V. Ex.ª perguntei á snr.ª D. Maria do Carmo de Sousa Brandão se nas ferias de 1853, e na minha casa de Fermelã, lhe recitei o *Noivado do Sepulchro*;

2.º—E esta senhora respondeu que sim, e muitas vezes, no terraço gradeado em frente da casa, etc.

3.º—Ella mesma recitou o 1.º verso, declarando que era assim—*Vae alta a lua*, etc.

4.º—Perguntei-lhe, se acaso se recordava bem da estancia seguinte:

Mulher formosa, que adorei na vida,
E que na campa não cessei d'amar...
Ah! se atraiçoas desleal, mentida,
O amor eterno, que t'ouvi jurar

5.º—E a isto respondeu, que era assim exactamente, e que de tudo daria um juramento, se fosse necessario.

6.º—Na mesma occasião perguntei a minha irmã Emilia, senhora de 72 annos, se nas mesmas ferias de 1853 recitei a seu marido e na salla chamada da *Varanda*, o *Firmamento* e a ella só a *Noite*, canção, de que repeti os versos:

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo folgor!—

e estes

A fonte murmura,
E ao longe d'altura,
Lá desce a gemer!

e mais estes

A sombra fluctua,
Avança, recua,
No chão do jardim.

7.º—E respondeu, que sim, e se lembrava como se *fosse hoje*.

8.º—Em seguida V. Ex.ª se mostrou interessado em resolver o problema, que sendo o *Noivado* composto em 1853, e só communicado a Soares de Passos em 1854, se acha no *Bardo* com a data de 1852.

9.º—E declarou V. Ex.ª que brevemente iria ao Porto, e foi, onde lhe foi indicado o velho livreiro da *Rua Chan*. O sr. Lopes da Silva—que o informou ser o livreiro Francisco Gomes da Fonseca, quem comprou para uma edição em volume os *Bardos*, que existiam na typographia, onde era impresso, mas que faltando algumas folhas se imprimiram eutras e *se juntaram* ás existentes, com poesias que para alli foram enviadas e accrescentou—«*sei isto muito bem, digo-o com toda a confiança*».

De V. Ex.ª

Mt.º am.º cr.º obrg.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

—

Ha toda a verdade nos factos acima referidos.

Ovar, 7 de janeiro de 1905.

Antonio Dias Simões.

Os Mandamentos

Eu confesso minhas culpas
Todas pelos mandamentos;
Depois que eu vi a Marilia
Trago varios pensamentos.

O primeiro amar a Deus:
Eu amo o meu bem querer;
Se Marilia fôr constante
Hei-de amal-a até morrer.

Segundo é não jurar
Pelo santo nome em vão;
Eu jurei amar Marilia
De todo o meu coração.

O terceiro ouvir missa
Nos dias de santa guarda;
Eu cem missas ouvirei
'Stando a par de minha amada.

O quarto honrar pai e mãi,
Pai e mãi respeitarei;
Só por ti, Marilia amada,
Pai e mãi eu deixarei.

O quinto não furtarás
Mesmo tendo precisão;
Eu só fiz ainda um furto:
De Marilia o coração.

Sexto guardar castidade
Que é virtude apreciada;
Eu serei sempre mui casto
'Stando a par da minha amada.

O setimo é não matar,
Eu nunca matei ninguem;
Eu só mato as saudades
Que sinto por ti, meu bem.

Oitavo é não levantar
Nunca, falsos a ninguem;
Eu só disse que Marilia
Era só minha e meu bem.

O nono é não desejar
Do proximo a mulher;
Eu só desejo a Marilia
Porque eu quero e ella quer.

Decimo é não cubiçar
Nunca as cousas de ninguem;
Eu só cubiço a Marilia
Porque ella é o meu bem.

Estes dez mandamentos
Só em dous é que s'encerra:
Amar a Deus no céo,
E a Marilia cá na terra.

(Do Trovador)

Estes mocinhos d'agora

Estes mocinhos d'agora
Já não sabem mais amar
Fazem tudo quanto podem
Para as moças enganar.

Bandoleiros, inconstantes,
Só querem pagodear;
Namoram a todas ellas
Para o seu tempo passar.

Estes mocinhos d'agora
Só desejam 'speculur;
Procuram só moças ricas
Para má vida lhes dar,

Estes mocinhos d'agora
Sentimentos já não tem;
Fazem mil promessas falsas
Dizendo que querem bem

Estes mocinhos d'agora
Só nos querem enganar;
Façamos nós outro tanto,
Para taboa a todos dar.

Estes mocinhos d'agora
O seu prazer é mentir;
Fingem tudo quanto podem
Para melhor conseguir.

Estes mocinhos d'agora
A vergonha já perderam;
Da ronha e da maldade
Muita succo já beberam.

Estes mocinhos d'agora
Não merecem compaixão;
Entes são mui abjectos,
Devem ir p'ra a correcção.

(Do Trovador)

THEORIAS E APRECIAÇÕES LITTERARIAS

XV

Aspira o nosso mestre a que o tomem por um espirito superior, e em face das excessivas homenagens que recebe, parece tel-o conseguido—por isso não têm desculpa de não expôr de um modo preciso e claro as theorias philosophicas, como a de Kant sobre o *bello*, deixando vêr, que a não percebera.

Visto que todas as estheticas renovam a questão sobre a essencia do gosto, isto é, sobre se ha ou não um principio geral, que o determine, ou que distinga o que é bello do que o não é, não será inutil, que insistamos na analyse da doutrina de Kant, devendo esta analyse servir para esclarecimento dos debates actuaes sobre a critica litteraria.

N'um meio intellectual como o do nosso paiz, onde pelo menos ao tempo em que sahiu a illuminal-o o *Romantismo* do snr. Theophilo Braga, rarissimos se davam ao estudo dos systemas de philosophia, julgou o nosso auctor que sem a reflexão indispensavel podia escrever quanto e como quizesse ácerca d'elles e rechear os seus livros com parolagens de uma affectada transcendencia. Os prologos abundam n'este visivel proposito.

Adiante.

Deu Kant quatro definições do bello.

1.ª O bello é um prazer sensivel ou moral livre de todo o interesse, ou de qualquer utilidade, sem ser todavia, como outros acrescentam sem muito rigor, indifferente ao que o produz; apenas Kant não suppõe a existencia do bello real, ou da belleza nos objectos, que nos impressionam, porque segundo a sua critica da razão pura o pensamento nunca attinge a realidade, que é sómente para nós como o nosso espirito a representa, por isso não se sabe se a belleza existe ou não objectivamente.

Mas o que nega á razão pura, concede-o á razão pratica e achamos inccherente, que não lhe conceda tambem o conhecimento ou a apreciação do bello real—não discutamos este ponto agora.

Tambem o prazer que nos causa não deve taxar-se d'egoista, (como já li,) por ser subjectivo segundo o mesmo philosopho, visto que eu não posso absorvel-o, ou tornal-o exclusivo—não participa do meu egoismo,

A razão de ser universal, e meramente subjectivo ao mesmo tempo não se explica na analyse de Kant, o que não se daria se **o bello fosse um problema commum á logica e á psychologia** na sua opinião—na qual é exactamente o contrario. Haveria então um principio determinante, que a todos os espiritos se impunha, ou devia impôr-se.

Aquella formula singular, que cifrava uma apreciação geral da theoria de Kant, mas tão erronea, ferio-me, e eu que estou prevenido contra o grande Mestre, suppondo, que aceita facilmente e sem exame o que lê, disse para mim—é uma formula copiada d'algum escriptor auctorisado—acertei.

E' de Barni, traductor de Kant, que n'um diccionario e no fim de um periodo a escreveu—mas foi de certo um *lapso*, pois que todo o artigo até ahi trata de mostrar e bem **expressamente** que o bello não é para Kant de modo algum um problema de logica.

Agradou a formula ao sr. Theophilo, porque o repetil-a lhe dava ares de um juizo superior ao do philosopho allemão, a quem attribue inconscientemente como defeito o que lhe evitaria a censura, que se faz á sua theoria.

(Continúa).

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

NOTICIARIO

Annos

—

Passou no dia 18 o anniversario natalicio da Ex.ma Sr.ª D. Julia Seabra de Castro, extremecida filha do sr. Conselheiro José Luciano de Castro, prestigioso chefe do partido progressista.

Endereçamos a S. Ex.ª as nossas sinceras felicitações.

Conde d'Agueda

—

De passagem por esta villa, esteve, no dia 12 do corrente, em casa do sr. dr. Joaquim Soares Pinto, digno chefe do partido progressistas d'este concelho, o Ex.mo Sr. Conde d'Agueda, meretissimo Governador Civil d'este districto.

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

A minha deserção foi-lhe mais sensivel do que eu esperava—veio secretamente ao Bom-Passo, e empregou tudo que estava ao seu alcance, rogos e ameaças, para me reconduzir ao seu bando. Era eloquente, por que tinha uma alma ardente e sincera, apezar de todos os seus desatinos. Fui comtudo inezoravel, e propuz-me convertel-o.

Eu não sou eloquente, e por esse tempo ainda menos o era; mas estava tão convencido do que lhe dizia, a fé tinha-se arreigado tanto em mim, que as minhas admoestações o impressionaram fortemente. Consegui que reparasse o seu crime tanto quanto possivel, desposando a innocente victima da sua violencia. Fui procural-a á noite, e obtive d'ella o consentimento de tornar a ver este salteador abomivel, e de recebel-o n'essa mesma noite, clandestinamente, por esposo, com todas as formalidades, perante o altar d'onde vimos de fazer a nossa oração...

E, vendo esta creança tão bella tão palida e temerosa, o principe de Castro-Real teve remorsos e começou a amar aquella que lhe votou um odio eterno.

Pediu-lhe que fugisse com elle, e exaltado com a sua reluctancia, pensou em raptal-a. Mas eu tinha dado a minha palavra a esta joven que mostrou um caracter forte, altanado, raro na sua idade.

Disse-lhe que não mais o queria ver, e agarrada á minha sotaina e á do nosso prior: (um digno homem que levou para o tumulo todos os segredos que lhe confiavam). Vós me prometesteis, debaixo de juramento, não me deixar um só minuto com este homem, exclamar ella, e acompanhar-me até minha casa, logo que terminada fosse a cerimonia nupcial; não me abandonem, ou esmago a cabeça de encontro aos degraus d'esta egreja!...

E fal o-ia a nobre creança! Mas, eu tinha jurado! Reconduzi-a ao seu palacio, e nunca mais viu o Destastore.

Quanto a este, a sua dôr foi immensa—a repugnancia da sua legitima esposa inflamou a sua paixão, e, parece-me poder dizer que foi a unica vez, elle que seduziu e abandonou tantas mulheres, que conheceu o amor, mas juntamente com o remorso, e desde essa noite soffria moralmente. Esperava convertel o; não fazel-o frade como eu, mas leval-o a recomeçar a sua obra, a renunciar aos crimes inuteis, ao deboche, á loucura. Tentei persuadil-o a que, se voltasse a ser o vingador da sua patria, a esperança da nossa libertação, sua joven esposa virlhe-ia a perdoar e a consentir em participar do seu destino arriscado e glorioso. Até eu, teria, sem duvida atirado o habito ás ortigas, para seguil-o.

Mas, infelizmente! seria muito facil a emenda se o crime e o vicio abandonassem a sua presa, mal é sentido esse desejo. Destastore já não era o mesmo, ou melhor, voltou a ser o homem do passado. O remorso que lhe despertei perturbava-lhe a razão, sem modificar-lhe os instinctos crueis. Ora louco furioso, ora com temores e superstições; um dia rezava, afogado em lagrimas ao fundo da nossa capella; no seguinte retomava o mister de bandido—queria matar os seus companheiros, e a mim tambem—cometteu ainda muitos delictos, e, uma manhã...

Custa-me levar ao fim esta narrativa, Miguel, afflige-me tanto!...

Uma manhã encontraram-n'o morto junto d'uma cruz, pouco distante do nosso convento—fizéra saltar o craneo com um tiro!

—Ora ahi está um execravel destino, diz Miguel, e não sei, meu tio, se é o tom da sua voz, ou este medonho lugar que me comove dolorosamente! Quem sabe se ouvi na infancia, contar esta historia a seu pai, e è o horror que então me causou, que desperta agora em mim!

—Não creio que te fallasse teu pai d'este homem, ou do seu procedimento, responde o frade apoz um lugubre silencio. Se eu d'elle te fallo, é por ser preciso, meu filho; por que o invocar a sua memoria intristece-me mais que a alguma outra pessoa, e este logar não é, effectivamente, proprio, para suscitar idêas ridentes. Olha, ella aqui está, a cruz, cuja base foi humedecida no sangue d'elle, e onde eu o vim encontrar estendido e desfigurado. Fui eu quem lhe cavou a sepultura, debaixo d'aquella rocha que ali vês, ao fundo do precipicio; fui eu quem lhe rezou as ultimas orações, que um outro lhe teria recusado.

Pobre Castro-Real, pobre chefe, pobre amigo! prosegue o capucho descobrindo a cabeça, e estendidos os braços para uma grande rocha negra, que jasia á beira da corrente, a uns cincoenta pés abaixo do caminho. Que Deus, que é de infinita justiça e clemencia, perdoe os erros da tua vida, assim como eu te perdoe os desgostos que me deste! Já me não lembro senão do tempo em que foste virtuoso, dos teus grandes feitos, e dos teus nobres sentimentos, das nossos ardentes impressões.

Deus não ha-de ser mais rigoroso do que um pobre homem como eu, não é assim, Miguel?

—Não acredito nos resentimentos eternos do Ser supremo e perfeito que nos guia, mas sahiamos d'este sitio, meu tio! Sinto calafrios aqui, e quero antes confessar-lhe a estranha fraqueza que de mim se apossou, a ficar mais um instante ao pé d'esta cruz.

—Gosto mais de te ver tremer, do que rir. Anda, dá-me a tua mão, vamos para diante.

Caminharam silenciosos algum tempo, opoz o qual Frei-Angelo, como se quizesse distrair Miguel, retomou assim o fio da conversa: Depois da morte de Destastore, muita gente, sobretudo mulheres, pois tinha seduzido mais que uma, correu ao seu isolado domicilio, para tomar posse do dinheiro que podesse ter deixado para os filhos de quem elle era, ou passava por ser o pai; mas elle tinha levado na mesma manhã do suicidio, o espolio de seus ultimos roubos áquella de suas amantes que mais amava, ou para melhor dizer, que menos detestava; por que se tinha muitas fantasias, inspirava ainda mais, e todas estas mulheres que lhe formavam uma especie de serralho ambulante, importunavam-n'o até irrital-o ao extremo. Todas queriam que elle as desposasse não sabiam que era casado. Melina de Nicolosi foi a unica que não o encommodou com pretensões e censuras.

Amava-o sinceramente; tinha-se-lhe entregado sem resistencia nem reserva; tinha-lhe dado um filho que elle preferia entre os doze ou quinze bastardos, que se criavam na montanha com o seu nome. Existe a maior parte d'estes, e com razão ou sem elle gaba-se de lhe pertencer. São todos mais ou menos bandidos.

(Continua).

Clara de Miranda.